

- BARBOSA, Tito Montenegro. *Uma Fundamentação Ontofenomenológica do Direito*. 1991, 122p.
- BITENCOURT, Cezar Roberto. *Lições de Direito Penal*. 1992, 318p. Dirigida aos acadêmicos de Direito a obra pretende facilitar o trabalho de estudiosos nos níveis mais elementares do Direito Penal.
- BIZ, Osvaldo. *Informática e Soberania*. 1988, 172p. O livro historia os caminhos que levaram o Brasil a adotar a reserva de mercado para a Informática até 1992.
- BRASIL, Luiz Antonio de Assis(org). *Contos de Oficina 3*. 1989, 136p. É o terceiro volume de contos produzido pelos alunos da Oficina de Criação Literária do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.
- BRASIL, Luiz Antonio de Assis(org). *Contos de Oficina 4*. 1990, 112p. Antologia de contos das Oficinas de Criação Literária do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.
- BRASIL, Luiz Antonio de Assis(org). *Contos de Oficina 6*. 1991, 120p. Antologia das Oficinas de Criação Literária do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.
- BRASIL, Luiz Antonio de Assis (org). *Contos de Oficina 8*. 1992, 172p. Antologia de contos das Oficinas de Criação Literária do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.
- CERQUEIRA, Siomara Vilanova. *Administrando a Mudança Rumo à Criatividade*. 1989, 60p. Propõe fornecer alternativas para uma mudança no sentido de ajudar o professor a administrar melhor sua criatividade e a de seus alunos.
- CLEMENTE, Ir. Elvo. *Leitura & Crítica Literária*. 1990, 185p. Coletânea de ensaios do autor abordando a teoria e a prática da Crítica Literária.
- CLOTET, Joaquim e outros. *A Justiça*. 1988, 104p. A obra tem ensaios dos professores U.Zilles, Reinhold A. Ullmann, Francisco de A. Santos, Sírio Lopes Velasco, Edvino A. Rabusko e Joaquim Clotet.
- GRINGS, Dadeus. *A Descoberta Científica de Deus*. 1989, 296p. Numa lógica cerrada do pensamento, o autor movimentou-se desimpedidamente na Biologia, Física, Geologia, Filosofia e Teologia indagando pela transcendência.
- JOVCHELOVITCH, Marlova. *Encontros Dialógicos: uma vivência em Serviço Social*. 1989, 60p. Constitui um instrumento metodológico valioso para o Serviço Social, fundamentando a relação de ajuda no diálogo e na fenomenologia.
- MOTTIN, Antônio. *De Maróstica à Garibaldi: Memória da Imigração Italiana*. 2a. edição. 1990, 163p.
- ULLMANN, Reinhold Aloysio. *Epicuro: o filósofo da alegria*. 1988, 100p. O livro resgata a pessoa de Epicuro e seu pensamento filosófico.
- ZILLES, Urbano. *Gabriel Marcel e o Existencialismo*. 1988, 128p. A obra expõe criticamente o pensamento de Gabriel Marcel no contexto das filosofias contemporâneas da existência.
- ZILLES, Urbano. *O Problema do Conhecimento de Deus*. 1989, 68p. Apresenta a abordagem dos diversos caminhos seguidos na filosofia ocidental para chegar ao conhecimento de Deus.

PEDIDOS DIRETAMENTE À:

Livraria Editora Acadêmica Ltda.
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 09
Caixa Postal 1429
90619-900 - PORTO ALEGRE - RS
Fone(051)336.53.37

NÍSIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA

Hilda Agnes Hübner Flores

Propõe-se este ensaio resgatar dados bio-bibliográficos sobre Nísia Floresta, literata de vasta produção que na década de 1830 iniciou em Porto Alegre duradoura carreira de educadora emérita e se impôs como a primeira pré-feminista do Brasil.

VIDA

Nascimento.

Nasceu Nísia Gonçalves Pinto no sítio Floresta, quatro hectares de bosques e lagos junto a Papari, Rio Grande do Norte, a 12.12.1810, filha de Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa e Antonio Clara Freire. Seus irmãos: Maria Isabel do Sacramento, do primeiro casamento materno, Clara, companheira de folguedos infantis, e Joaquim, o primeiro discípulo.

Projetou-se no mundo das letras com o curioso pseudônimo de *Nísia Floresta Brasileira Augusta*; Nísia, abreviatura do nome paterno; Floresta, o sítio Natal; Brasileira, uma afirmativa pessoal, e Augusta, homenagem ao segundo marido, Manoel Augusto Faria Rocha. Explica este cognome o costume luso de acrescentar alguma conotação peculiar ao nome.

Provavelmente o pai anexou o *Lisboa* para dar ciência de sua origem, enquanto o irmão Joaquim acresceu *Brasil* e o filho Augusto somou *Américo*. A filha Lívia escolheu *Augusta* para homenagear o pai, e um sobrinho porto-alegrense, Manoel Rocha Faria, tornou-se homônimo do pai ao adotar *Antonio*.

Infância.

Certo dia o prefeito de Papari mandou queimar toda a documentação referente ao século XIX. Assim, sabe-se da meninice de Nísia através de vócos sentimentais, quando ausente da pátria:

"... deixei meu espírito viajar na direção de Floresta, entre seus bosquezinhos de laranjeiras e outras árvores, carregadas de frutos selvagens e saborosos, que eu colhi correndo com as jovens companheiras de meus jogos folgazes, ora sentando-me na relva avulzada, ora na arca branca que ladeava as margens dos lagos, ora escondendo-me sob as moitas floridas (...) Tu me seguias muitas vezes, minha cara irmã. Mais velha que tu, eu te servia de guia e cuidava de ti" (Floresta, 1989, 96-7).

No poente de sua produtiva existência, da distante Itália, recorda que

"na antiga propriedade Floresta (...) havia, entre outras belas árvores, uma mangueira de enorme dimensão" à cuja sombra seu pai "mandou preparar mesas para duzentos convidados numa festa que ofereceu no dia 12 de outubro", dia de seu aniversário (in Mariz, 49).

A presença indígena, responsável pela prosperidade do sítio, marcou a infância de Nísia:

"Mulheres aborígenes estavam aptas para todo o gênero de trabalho e artefatos e, tanto as que tivemos a nosso serviço como as que se educaram na nossa família, deram-nos provas da mais constante dedicação" (Floresta, 1989, 150).

Floresta assistiu à alfabetização de Nísia, talvez conduzida pelo pai, "homem de boas letras", e continuando em Goiana, vila pernambucana que contava com um convento Carmelita dotado de rica biblioteca, muito a propósito das ambições dos poucos intelectuais da época. A família de Nísia lá residiu por várias vezes (Duarte, 9-14).

Adolescência & Casamento.

No século XIX as mocinhas casavam muito cedo, dentro dos interesses da família. Nísia aos 13 anos casou (ou foi casada) com Manoel Alexandre Seabra de Melo, dono de grandes extensões de terras vizinhas a Floresta (Duarte, 15).

Mas "no espírito retardado" do noivo "nem de leve podia passar a idéia do valor intelectual e das aspirações de tão estranha companheira" (Castriciano, 30).

Por isso, após alguns meses, Nísia abandonou o marido e voltou para a família, acompanhando-a por várias vezes para Goiana, Pernambuco, refúgio paterno das Revoluções liberais que moviam severas perseguições a portugueses.

Morte do Pai.

De Goiana a família Lisboa se mudou para Olinda. Dionísio passou a exercer a advocacia. Em 1828 ganhou uma causa, sucesso que a elite local não podia debitar a um português, mesmo tendo idéias liberais. A 17 de agosto foi assassinado friamente, a mando do capitão-mor A. Uchoa Cavalcanti,

"um gráudo da província, sob pretexto de uma desinteligência a uma demanda forense, mas na realidade à conta de desavença antiga, de ódio tradicional, gerado nos tempos tumultuosos das lutas de 1817 e 1824, que separaram brasileiros de portugueses." (Seidl, 21).

Mais tarde, Nísia analisa o crime à luz da política colonial expansionista, que atraía homens de mau caráter,

"brutais e sanguinários, que (...) decidiam a seu livre arbítrio (sobre a) vida de honestos cidadãos, de virtuosos pais de família que caíam em seu desagrado" (Floresta, 1989, 53).

Novo Casamento.

O inventário do cunhado de Nísia, em Porto Alegre, registra que a família Faria Rocha tinha bens de raiz em Goiana. Foi aí que ela conheceu Manoel Augusto Faria Rocha, estudante de Direito que familiarizou com as idéias inovadoras do iluminismo europeu, acalentadas na Faculdade de Olinda. Entusiasmada, Nísia passou a viver com Augusto "algum tempo antes de casar" (Castriciano, 138).

Provavelmente não casou segunda vez, embora o registro do filho porto-alegrense aponte a criança como legítima. A História mostra que casos de anulação eram extremamente

raros e o *divórcio*, mera separação legal. Isto não impediu que Nísia e Manoel Augusto vissem uma união cheia de compreensão e afinidades, e em 12.3.1832, após a morte do primogênito, nasceu-lhes a menina Lúvia (Mariz, 25).

Nísia colaborava para a imprensa e em 1832, em Recife, publicou sua primeira obra, sob o apoio do marido, pois no século passado a mulher não podia editar sem o consentimento deste. Em novembro daquele ano Manoel Augusto integrou a primeira turma de bacharéis da Faculdade de Olinda (Duarte, 19-23).

Porto Alegre.

Após esta formatura, Nísia veio morar em Porto Alegre em companhia do marido, da mãe e das irmãs. O irmão permaneceu em Olinda, onde casou adolescente, interrompendo a Faculdade por anos, para desgosto de Nísia. (Sharpe-Valadares, in Floresta, 1989, VIII e Duarte, 23).

Por que Nísia trocou uma comunidade dois séculos mais desenvolvida que o sul, ainda em fase conclusiva de seu processo geo-expansionista? Fugia do "escandaloso processo" que lhe moveu o primeiro marido? Distanciava amargas recordações do assassinato paterno? Evitava sanções sociais? A convite do cunhado? É provável.

A presença deste advogado no sul é documentada desde seu casamento, em 27.10.1827, com a porto-alegrense Luiza Justiniana de Freitas Travassos, passando pelo nascimento dos filhos Benjamin, em março de 1829, e Manoel, em julho do ano seguinte (Arq. Cúria Metropolitana, L. de casamentos nº 3, 167v e L. de Batismo nº 7, 80 e 224).

Manoel Antonio Rocha Faria era juiz de fora da comarca de Rio Pardo, sucesso profissional que atraiu o irmão recém formado. Estando o status social expresso na extensão fundiária, havia espaço culturalmente em aberto.

Em 1823 havia apenas três homens formados na província. O primeiro jornal, o *Diário de Porto Alegre*, é de 1827, multiplicado às dezenas nas décadas seguintes, instigando divergências políticas. Também em 1827 surgiu o método Lancaster, de alfabetização em grupo, iniciado na escola pública por A. Pereira Coruja, ex-aluno da professora-jornalista Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, uma das intelectuais pioneiras na província (Flores, 1989, 75).

O Ano de 1833.

Curiosamente a 12 de janeiro, aniversário de Lúvia, nasceu o irmãozinho Augusto, conforme consta nos arquivos da Cúria Metropolitana, Freguesia N. S.^{ra} Madre de Deus:

"Aos quatro dias do mês de agosto de 1833, no oratório das casas de residência do Dr. Manoel Antonio Rocha Faria batizou solenemente o revdo. Manoel José Soares Pena e pôs os santos óleos a Augusto, nascido a doze de janeiro do mesmo ano, filho legítimo do Dr. Manoel Augusto de Faria Rocha e de Dona Nísia Floresta Brasileira Augusta, (o grifo é nosso), naturais de Pernambuco; neto paterno de Manoel Gonçalves de Faria, natural de Portugal, e de Dona Joana Sofia do Amaral, natural de Pernambuco; e materno de Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa, natural de Portugal, e de Antonia Clara Freire, natural do Rio Grande do Norte; foram padrinhos o Dr. Manoel Antonio Rocha Faria e sua mulher Dona Justiniana de Freitas Rocha (L. de Nascimento nº 8, 62)."

Em Porto Alegre Nísia deu mostra de grande disposição e coragem ao reeditar a polêmica tradução *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, com a qual no ano anterior iniciou em Recife a trajetória do pré-feminismo no Brasil.

Aqui como no nordeste, não houve repercussão na imprensa; ignorar era uma forma de preservar a situação de superioridade masculina, que Nísia combate. Isto não quer dizer que esta ousada tradução, aliada ao esforço de outras intelectuais coetâneas, não causasse impacto na sociedade caracterizada pelo império da força física. Moacyr Flores em sua tese de doutorado estuda as relações sociais do período farroupilha e ressalta o papel "civilizador" da mulher letrada, em oposição ao homem, guerreiro-herói, fator das conquistas territoriais.

Não se sabe se essa segunda edição dos *Direitos* saiu do prelo antes ou depois do batizado do filho e do trágico registro constante no acervo da Cúria Metropolitana:

"Aos 30 dias do mês de agosto de 1833, nesta cidade de Porto Alegre, faleceu de uma constipação, depois de unção, o Dr. Manoel Augusto de Faria Rocha, com 28 anos de idade, natural de Pernambuco, filho legítimo de Manoel Gonçalves de Faria e de Joana Sofia do Amaral, casado com Dona Nísia Floresta Brasileira Augusta. Foi encomendado (...) e sepultado no cemitério desta matriz" (L. de Óbitos nº 8, 72v).

O inverno sulino é inclemente e Faria Rocha não resistiu. Nísia ficou desolada. Menos de quatro semanas a separavam da alegre reunião em que familiares e amigos comemoraram o batizado do filho. Estava agora em terra distante e sem Augusto. Nunca mais o esqueceu. Perpetuou-lhe o nome no *Colégio Augusto* do Rio de Janeiro. Decorridos 23 anos, em 1856 viajou pela Europa e, a 29 de agosto, confiou ao diário a sua dor:

"ao longe (contemplo) as colinas verdejantes, que me lembram as de Porto Alegre, e penso em ti, ó meu Augusto. Choro sobre este fatal 29 que te arrebatou tão prematuramente ao mundo e à minha felicidade. Os sons da melódiosa música executada neste instante (...) Intensificam em minh'alma a melancolia que me devora em silêncio! E meu pensamento, atravessando os mares e o espaço, vai, carregado de profunda saudade, repousar na tua sepultura, no alto da Colina¹ banhada pelo majestoso Jacu² (...) Prostrada (...) orei do fundo d'alma. Tu me ouviste desta dupla eternidade que Deus e meu coração te outorgaram, desde que deixaste o mundo material" (Floresta, 1982, 34-5).

Mantenedora e Mestra.

Em terra de expansionista, pouco espaço se dava à cultura. O ensino estava mais afeto à mulher, buscando os homens ocupação mais rendosa.

Viúva e com dois filhos de tenra idade para sustentar, Nísia manteve entre 1833 e 1837 o colégio *Brasil*, nome que Osório atribui, em caráter inicial, ao Colégio Augusto do Rio de Janeiro (Duarte, 26 e Osório, 26 e 57).

A exemplo de Maria Josefa, Floribela Flores da Conceição ou Ana de Barandas, Nísia deve ter contornado ónus com prédio escolar ministrando aulas em sua residência, situada à rua Nova, atual Andrade Neves, no centro de Porto Alegre, onde, em escrito posterior, ela registrou a existência de uma escola de meninas (a sua) e onde Ana, sua amiga, possuía um sobrado (Flores, 1989, 65 e 74, Barandas, 26 e Duarte, 26).

Depoimento interessante vem de Mal. Câmara, único menino a ter acesso à escola, acompanhando a irmã Rita de Assis graças à amizade entre os pais e Nísia, já então "uma autêntica vocação pedagógica". Utilizava a mestra um texto moralista de sua autoria *Pensamentos e máximas*, que ditava ou mandava copiar, abrangendo simultaneamente o ensino de religião, caligrafia e ortografia. O menino José Antonio Câmara, guardou o tema com carinho, transformado hoje em testemunho da metodologia e do devotamento da mestra (Câmara, 137 e 379-83).

Em maio de 1835, dois anos após a morte do marido, faleceu Rocha Faria, o juiz cunhado de Nísia, na Corte, onde se encontrava em companhia da família, talvez em busca de soluções jurídicas a que obrigava o sistema centralizador do Império. A viúva, despreparada para manter os filhos pequenos, dez meses mais tarde casou no Rio de Janeiro com Dr. Joaquim Teixeira Peixoto de Albuquerque.

1 Em 1858, recordando a perda do companheiro amoroso, Nísia atribuiu-lhe a idade de 25 anos ao falecer.

2 O cemitério de Porto Alegre, "no alto da colina", ficava nos fundos da matriz, onde é hoje a Cúria Metropolitana.

3 O Guaíba à época era também conhecido por rio Jacu.

Sem o marido e sem o apoio moral do cunhado juiz, Nísia continuou em Porto Alegre dando aulas para manter os filhos. Conviveu com divergências políticas e vivenciou os efeitos da guerra civil, documentados mais tarde em livro.

Colégio Augusto.

O sítio farroupilha a Porto Alegre desde junho de 1836, após a ocupação, levou ao exílio muitos moradores, inseguros nas chácaras expostas ao saque. Entre aquele ano e 1837, Nísia, Ana Eurídice e a cega Delfina buscaram refúgio na corte, meio cultural mais adequado às suas aspirações. Af, a 15.2.1838, Nísia abriu o *Colégio Augusto*, localizado na rua Direita, nº 163 (Renault, 198), hoje rua 1ª de Março. Mais tarde transferiu-o para um sobrado, onde também residia, à rua Dom Manoel, nº 20, com entrada pela trav. do Passo, 23.

Caracterizou-se o educandário por acreditar na capacidade intelectual da mulher, até então tida como inferior ao homem, capaz apenas para atividades domésticas. Para isso inovou em pedagogia de ensino e conteúdo programático, recheado este de enfoque humanista, voltado para uma formação abrangente e para o desenvolvimento da inteligência feminina, que, então, Nísia computava como superior à do homem.

Além da tradicional costura e bordados, o currículo incluía afoitamente as disciplinas de latim, caligrafia, história, geografia, religião, matemática, português, francês, italiano, inglês, música, dança, piano e desenho. No ensino das línguas estrangeiras, os mestres, contratados na Europa, excluíam o uso de vocabulário pátrio, método à época revolucionário, e ainda hoje em uso (Sharpe, X).

Europa.

Em novembro de 1849, Nísia viajou com os filhos à Europa, em busca de recursos médicos para Lívia, adolescente de 17 anos que caíra do cavalo quando visitava o tio Joaquim, professor em Andaraí. Línguas felinas falavam em exílio, face ao feminismo e às idéias republicanas e abolicionistas que Nísia pregava desde a década de 1840, em concorridas conferências (Duarte, 41).

Na França Nísia contactou com filósofos e pensadores. Em 1851 assistiu conferências de Augusto Comte, num envolvimento intelectual que motivou artigos para a imprensa do Rio de Janeiro, reunidos na obra *Opúsculo Humano-niário*, em 1853 (Sharpe, XIV e Duarte, 43-54).

Entre 1852-56, Nísia retomou a direção de seu educandário. Em 1853 faleceu a irmã Maria Isabel e desde 1855 encontram-se em sua obra referências nostálgicas à triplíce perda de agosto: o pai, o marido e a mãe (Duarte, 24 e 47).

Em 1855 a epidemia da cólera grassava lúgubre pelo país. Em Porto Alegre vitimou 10% da população (Franco, 152). No Rio de Janeiro o quadro não era menos aterrador, e Nísia, num raso de altruísmo, por meio ano colaborou como enfermeira com o cunhado médico, Dr. Medeiros.

Europa novamente.

Culturalmente mais aquecida, a Europa atraía a inteligente e culta mulher, que para lá retornou em abril de 1856. Lívia, ex-diplomata e laureada do Colégio Augusto, dirigiu o educandário até o término de 1856, quando fechou. Depois fixou-se na Europa, onde casou com o alemão Gade e faleceu em 1912, sem filhos.

Augusto permaneceu no Rio de Janeiro, onde em 1857 casou com Engrácia Garcia. Seguindo as pegadas da mãe, abriu o Colégio Brasil, que alguns biógrafos têm como sendo o próprio Colégio Augusto. Localizado no arrabalde Engenho Novo (rua Souza Barros, 19), na década de 1890 pela viúva, única herdeira, vendeu-o a Francisco Luis Loureiro Andrade, que o destinou a meninos sob a denominação de Colégio Loureiro (Sharpe, XVIII e XV e Duarte, 60).

Em Papari as propriedades da família, Floresta e Taboca, haviam sido vendidas, cortando raízes. Nísia permaneceu na Europa por 17 anos. Conviveu com celebridades como Con-

to, Lamartine, Dumas Pai, Victor Hugo, Saint-Hilaire, George Sand, Alexandre Herculano, e deles exauriu saber...

Amadureceu e evoluiu pensamento. Escreveu. Teve obras editadas. Residiu quase três anos na Itália, onde conheceu Garibaldi e teve adotada em sala de aula sua obra *Conselhos à minha filha*. Viajou até a Grécia e ampliou erudição.

Em 1871, as desordens da guerra civil francesa destruíram seu apartamento em Paris. Desgostosa, voltou-se para a pátria, o coração dividido entre Lívia na Europa e Augusto no Rio de Janeiro, dirigindo o educandário. Retornou ao Brasil e permaneceu de 1872 a 1875, assistindo campanhas abolicionista e republicana, causas que pregara.

Ocaso e ascensão.

De volta à Europa, Nísia soube da morte do irmão Joaquim. Dedicou-lhe recordações biográficas na obra *Fragmenus*. Em 24.4.1885, idosa e enferma, faleceu na cidade histórica de Ruão, à semelhança da mãe: aos 75 anos, de pneumonia. No mês seguinte os jornais do Rio de Janeiro convidaram para missas *in memoriam*, assistidas por familiares e ex-alunas.

Agredida no Rio de Janeiro onde sua obra educacional despertou polêmica, rejeitada em sua terra natal por adultério e concubinato, invejada por sua obra cultural, Nísia começou a receber o reconhecimento desde o início do século quando, em 1909, seus conterrâneos lhe ergueram monumento em seu berço natal, a hoje cidade Nísia Floresta.

Ampliado, em 1956 recebeu o traslado da ilustre educadora, que em sua luta pela valorização da mulher se colocou lado a lado com o nascedouro feminismo inglês. Do folclore popular, entretanto, Constância Lima Duarte recolheu lendas que ainda a acusam por seu *passado pecaminoso*, como a crença de que em noites de lua cheia o espírito de Nísia sai a vagar pelas ruas da cidade em busca de homens desacompanhados. Só na década de 1970 retiraram as correntes que envolviam o túmulo, mandadas colocar para evitar esses soturnos passeios e tranquilizar a população (Duarte, 96).

Hoje Nísia Floresta é nome de rua, patrona de entidades culturais e de concursos literários pelo Brasil a fora. No Rio Grande do Sul, onde residiu de 1833 a 1837, é nome de educandário nos municípios de Alvorada e Viamão, nome de rua em Porto Alegre e, desde 1943, patrona da cadeia nº 17 da Academia Literária Feminina RS.

A OBRA

Nísia Floresta provavelmente foi autodidata, o que mais valoriza sua extensa e inteligente obra, verdadeiro espelho da sociedade na qual viveu e que procurou sensibilizar em um de seus aspectos mais vulneráveis: a condição de inferioridade em que era mantida a mulher.

Publicou nada menos de uma dúzia de trabalhos, desde opúsculos a obras de quase 400 páginas, acervo que triplica se computarmos reedições, traduções, separatas e inéditos. Dezenas de artigos em periódicos e coletâneas, monografias, críticas nacionais e internacionais, e a tese de doutorado de Constância Lima Duarte, extensa e erudita, dimensionam a obra nísiana, produzida ao longo de meio século.

Nela há a distinguir fases distintas. Imbuída de idéias do iluminismo europeu e abraçando a causa do liberalismo, identifica-se num primeiro momento com o avançado e contestador feminismo inglês, que lutava por conquistas sociais. Nesta linha situa-se a tradução:

Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens.

Editado em Pernambuco, 1832, no ano seguinte em Porto Alegre (pela Tip. V.F. de Andrade) e no Rio de Janeiro em 1839, teve 4ª edição em 1989, pela Cortez de S. Paulo, 134 pág., com Introd. e Notas de Constância Lima Duarte.

O livro original, *Vindication of the Rights of Woman*, é de Mary Wollstonecraft. Nísia usou a tradução em francês, língua corrente no Brasil na época do francismo cultural.

Adaptou o texto à sua visão da realidade brasileira, estruturada a partir de vivências pessoais marcantes, como o assassinato paterno, o fracasso matrimonial e o livre trânsito das

idéias liberais européias. Reduziu os 13 capítulos originais a meia dúzia e através de elaborados raciocínios, demonstrou que a mulher possui capacidade para administrar, para ocupar cargos públicos, exercer o ensino das ciências e até mesmo executar empregos militares, pois dispõe de coragem e presença de espírito em nada inferior ao homem.

Nísia confrontou com velhos estereótipos e apontou como responsável pela permanente submissão feminina a dominância do homem, imposta pela força bruta em sua constante busca de poder e de riqueza, enquanto a mulher, por natureza mais generosa, dedica-se à educação dos filhos. Esta circunstância torna-a vulnerável qual objeto utilitário nas mãos do homem, que a usa para prazer e a confina ao espaço doméstico. Considera-a incapaz para atividades intelectuais, como forma de assegurar o continuismo de seu domínio egoísta.

Para derrubar esses mitos de opressão, Nísia prega a absoluta necessidade de educação para a mulher como condição primordial para desenvolver suas capacidades latentes, enfrentar a tirania dos homens e bem desempenhar o papel de educadora dos filhos e transformadora da sociedade.

Nessa primeira obra, Nísia extradula feminismo ao ponto de, astutamente, forjar silogismos se necessário para demonstrar igualdade e até superioridade feminina, numa liberação de revolta contida. Inspirada nos princípios filosóficos de Rousseau e Montesquieu, procura derrubar velhos estigmas defendidos pelo patriarcado português, que, cioso defensor da domesticidade feminina, opunha o ciúme e sentimentos envolvidos em paixão a qualquer tentativa de liberação feminina pelo intelecto, como bem coloca Peter Gay em seu notável estudo sobre as emoções e sentimentos da sociedade oitocentista.

A morte inesperada do marido, estílo econômico de seu ideologismo feminino, jogou Nísia ao desafio da prática dos princípios liberais que defendia. Para manter a família, abriu escola. Nela exerceu habilidades intelectuais e deu forma concreta à capacidade feminina que apregoava.

Décadas de ensino deram respaldo moral para considerar a educação o instrumento hábil à libertação da mulher. Vencendo a ignorância, adquire armas para enfrentar o jugo masculino e combater a sufocante domesticidade em que era mantida. A educação passa então a ser o objetivo maior de Nísia. Por ela, em *Crepúsculo Humanitário*-1853, renega o extremado feminismo enunciado na primeira obra:

"Mas deixemos a Wollstonecraft (...) a defesa do sexo. A nossa tarefa é outra, e cremos que mais conveniente será às sociedades modernas: a educação da mulher" (Floresta, 1989, 29).

Pensamentos e Máximas.

Cento e dez versos elaborados em 1832, sob os desvelos da jovem mãe embalando Lívia recém nascida. Usada como recurso didático desde Porto Alegre, Nísia procurava transmitir às educandas os mesmos valores ético-religiosos que deviam nortear os passos da filha:

"De manhã despertando ao céu levanta
Teu espírito, ó filha assim farás,
Que sobre ti Deus vele, pois não sabes
Se à terra antes da noite volverás!
Foge ao mal, segue o bem, filha querida,
Em paz ditosa passarás a vida" (Câmara, 379).

Além de educadora, a mulher deve ser modesta e aberta ao conhecimento, como forma de se libertar:

"Estuda por amor ao mesmo estudo
E não creias jamais que sabes tudo."

Nísia denuncia a opressão masculina e aponta o antídoto ao alcance da mulher educada, para melhorar a sociedade:

*Os homens fizeram leis parciais
Que as mulheres julgar deve(m) naturais.
Armas há poderosas, que a mulher
Deve empregar com ânimo bastante,
São a doce bondade, a paciência,
A modesta ternura, a fé constante* (p. 382).

Ante as constantes injustiças no mundo, a mulher virtuosa e modesta é a força geratriz do equilíbrio do lar:

*Em um mundo, que justo ser não sabe
Não desejes brilhar, filha querida,
Da mulher os talentos fazer devem
Os encantos domésticos da ida.* (p. 383).

Conselhos à minha filha.

A formação da juventude tornou-se baluarte de vida para Nísia, mãe e educadora. Assim, em 1842 editou no Rio de Janeiro um conjunto de *Conselhos* capazes de orientar a filha de doze anos, e por extensão, as educandas do Colégio Augusto. Reeditados em 1845, acresceu-os dos *Pensamentos e Máximas* que desde Porto Alegre lhe serviram de metodologia de ensino.

Inicia o opúsculo didático-moralista com uma profissão existencial de si mesma, viúva saudosíssima, mãe amantíssima, educadora responsável pela sublime tarefa de modelar a alma da filha e das jovens que lhe são confiadas e que deve encaminhar à sublime missão da maternidade.

Assim, apela para a prática das virtudes femininas: simplicidade, modéstia, cultivo do saber despojado de orgulho, irrestrita obediência filial, amor ao próximo, respeito aos idosos e ouvido atento à sabedoria que emana de sua experiência de vida, menosprezo pelas riquezas materiais em oposição às do espírito, fonte de verdadeira felicidade quando orientadas para a prática das virtudes cristãs...

Fany ou o modelo das Donzelas, por N. B. Augusta. Em 8 de Abril de 1847.
Colégio Augusto.

Manuscrito em poder de Borges de Medeiros, presidente do Rio Grande do Sul; doado a Fernando Osório, este em 1935 o inseriu em *Mulheres Farroupinhas*, num adendo de 10 págs. Seguindo a linha pedagógico-moralista, trata-se de um conto em que Fany, a personagem central, é modelo para as educandas de Nísia: trabalhadora, auxilia a mãe no trato dos 11 irmãos menores, substituindo a figura paterna, ausente; estudiosa, foi promovida a monitora no colégio...

O pano de fundo é o período farroupilha que Nísia vivenciou, dando valor documental à obra para estudo social daquela época conflituada. A autora reporta à exuberância das chácaras que circundavam Porto Alegre: pêssegos, damascos, maçãs, cerejas, amoras, vinhedos e flores em profusão... A paz e bem-estar imperavam na província até o romper da guerra civil, que tudo arrasou.

O pai de Fany, oficial, comanda com sucesso as forças rebeldes. A mãe se entusiasma, mas Fany opõe reserva, pacifismo. A guerra avança. O pai é morto à traição. Confisco de bens. Privações cedem à abastança. Fany mantém-se corajosa, reforçando a ajuda materna. Finda a guerra, devolução de bens, retorno da tranquilidade. Para suprir a falta do chefe, Fany continua exemplo de virtude, preterindo candidatas a casamento para terminar a criação dos irmãos.

A Lágrima de um Caeté.

Poema romântico, 40 páginas, Rio de Janeiro, 1849, ass. *Tellesilla*. Vertido para o italiano em 1860. Reeditado no Rio de Janeiro, em 1986 (Duarte, 63).

Como *Fany*, tem como pano de fundo uma Revolução do Império: a Praieira de Pernambuco, 1848-9. A temática atualizada é uma característica nísiana, que não raro citava publicações européias recentes.

Assim como *Fany*, o poema contém elementos do espaço vivencial de Nísia, locais geográficos como o rio Goiana, habitat sertanejo do caeté. A Praieira envolveu o indígena e o arrastou ao cenário bélico sob a liderança de Nunes Machado, em confronto com outros lusos...

Num retorno à infância servida por indígenas no sítio natal, Nísia desnuda sua face indigenista e, sem esbanjar veio poético, exalta o "bom selvagem", inocente e ingênuo:

*Era um homem sem máscara, enriquecido
Não do ouro roubado aos iguais seus,
Nem de míseros africanos d'álem mar, (...)
Era da natureza o filho altivo,
Tão simples como ela, nele achando
Toda a sua riqueza, o seu bem todo...* (p. 9).

As vicissitudes da guerra atingem a portugueses e caetés. Na voz de Nísia, estes dirigem um alerta ao dominador:

*Não vês, ó luso povo, em teu sofrer
Do Onipotente o dedo que te aponta
O mal que sobre nós lançado tens,
Há mais de três séculos?...* (p. 15).

A Praieira destroçou o índio, desmantelou sua família e sua civilização:

*Pelos vastos florestas tristes vagam
Os poucos filhos teus à morte escapos,
Ao jugo de tiranos opressores,
Que em nome do piedoso céu vieram
Tirar-nos estes bens qu'o céu nos dera!
As esposas, a filha, a paz roubar-nos!
Trazendo d'além mar as leis, os vícios,
Nossas leis e costumes postergaram!* (p. 11).

Ao sobrevivente resta o refúgio aos berços nativos, onde as águas tranquilas do Goiana acolhem a sua dor:

*E súbito o Caeté foi-se embora (...)
Nas margens do Goiana agora expande
Sua dor!...
-- Goiana!... clama ele ali vagando,
Mais triste do que o Beberibe:
Onde está teu herói? O filho teu!
-- No céu...
-- No céu, responde o eco! E sabe o mundo
Suas grandes virtudes; sabe a glória
Que seu nome deixou, nome imortal!
-- Na Pátria!...
E lá do Caeté
O triste pungir,
Com ele se foi
No céu confundir!* (p. 38).

Opúsculo Humanitário.

Editado no Rio de Janeiro em 1853, reúne 62 artigos publicados na imprensa carioca. A 2ª edição, 1989, é pela Cortez de S. Paulo: 140 páginas, mais 40 de Introd. e Notas da ame-

ricanista Sharpe-Valadarez, professora de Literatura Luso-brasileira na Universidade de Illinois.

A obra evidencia influência positivista desde o título inspirado nos "Opúsculos" de Comte, até a temática, na medida em que Nísia deseja a mulher educada para a função de esposa e mãe, colocada no centro do complexo familiar, a exemplo do pai do positivismo, que a elevou à honrosa e restritiva posição de 'rainha do lar'.

Mostrando domínio da História da Cultura, Nísia faz um apanhado da condição feminina ao longo dos tempos, desde a antiguidade. Na Inglaterra, França e Alemanha modernas, que ela percorreu, a mulher ocupava lugar de destaque por ser culta e educada, dentro do estágio avançado de civilização daqueles povos, principalmente o alemão, hegemonia apregoa-da também pelo movimento germanófilo, duas décadas mais tarde.

Nos Estados Unidos da América, o utilitarismo inglês induziu ao avanço das ciências, provendo escolas e sociedades científicas que asseguravam a progressiva educação da mulher, caminho para seu futuro promissor.

No Brasil, o colonialismo expansionista por séculos facilitou a ganância, a busca do ouro e do poder pela força, sem ambiente para escolas. Essa situação melhorou um pouco, na corte, com a presença de D. João, permanecendo contudo o ensino deficiente em gênero e número, o que Nísia prova com dados estatísticos. Professores sem habilitação e pais sem capacidade para discernir, acolhendo qualquer aventureiro chegado da Europa que se intitulasse mestre, mesmo que mal dominasse as letras e visasse apenas enriquecimento rápido.

Este confronto valeu-lhe críticas acerbas na imprensa. Mas Nísia limitava o número de suas educandas em aula, para melhor poder acompanhar seu aprendizado e a formação religiosa e moral, em busca do objetivo almejado: a mulher educada, apta e consciente para assumir seu papel na família, elevando a sociedade.

As escolas públicas Nísia prefere as particulares, porque nelas há mais responsabilidade no trato da instrução.

Apesar de prover a manutenção da família, Nísia não defende o trabalho remunerado fora do lar, quesito que só no século atual centrou as reivindicações feministas, como condição essencial à libertação da mulher.

Nísia aproxima-se de Saint-Hilaire, a quem conheceu pessoalmente, quando vê na escravidão africana sério obstáculo à obra educadora. Sendo servida por inúmeras escravas, a menina torna-se néscia e sem ânimo para as atividades físicas e mentais. A ociosidade induz a conviver com o vício. O negro é pernicioso porque não tem acesso à instrução e à educação.

Indigenista, diverso é seu posicionamento com relação ao selvícola: vivendo em contato permanente com a natureza, o índio é puro, sem a ambição do branco corruptor e sem os vícios do negro. Nísia assume aqui a posição romântica, idealista, a que alude Gay em seu estudo sobre a sociedade oitocentista.

Hinário de uma Viagem à Alemanha.

Rio de Janeiro, 1857, reúne cartas escritas a parentes, naquele ano. Segunda edição pela UFRN, em 1989.

A obra transmite um misto de afetuosso sentimentalismo e constante espírito de perquirição face ao novo, próprio da erudição de autodidata.

Dentro de um linguajar leve e preciso, Nísia convida o leitor interessado a integrar seu roteiro turístico através de 30 vilas e cidades francesas e alemãs, informando sobre paisagens, gentes, monumentos, igrejas e museus, enriquecendo acervos com interessantes referências históricas.

Zélia Mariz em sua monografia para docência na UFRN, e Lima Duarte completam os títulos da obra literária nísiana:

Cadiz ou a Jovem completa.

Rio de Janeiro, 1847, ass. N. F. B. A., historietista de fundo moralista para as alunas do Colégio Augusta.

Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta em 8 de dezembro de 1847.

Opúsculo moralista de 6 pág., a menor de suas obras, contém conselhos da mestra às alunas em véspera de férias.

Dedicação de uma amiga.

Romance, ass. B. A., conforme usou também na imprensa carioca. Rio de Jan., 1850, 2 vol. de 158 e 160 pág.

Scintille d'un Anima Brasiliana.

Ass. Floresta Brasileira Augusta, Florença, 1859. Reúne cinco trabalhos em prosa, dentre eles *O Brasil*, reeditado em 1972, a mais ufanista das obras de Nísia.

Trois Ans en Italie, suivis d'un Voyage en Grèce.

Paris, 1861 e 1872, 2 vol. com 392 e 358 pág. Ass. *une Brésilienne*. Relato político e histórico-social da Itália.

Fragments d'un Ouvrage inédit.

Paris, 1878. É um capítulo das "Memórias", que ficaram inéditas, assim como "Inspirações maternais". Contém referências biográficas ao irmão falecido recentemente.

Além de escritora, Nísia foi também conferencista eminente dentro de sua temática palpitante, e colaboradora de vários jornais no Rio de Janeiro, entre eles: *Diário Mercantil*, *Jornal do Comércio*, *O Diário* e *Brasil Ilustrado*, todos do Rio de Janeiro.

AS INTELECTUAIS

Curiosamente a política reinol expansionista que no sul gerou o guerreiro-herói, propiciou também os desafios para o surgimento, aí, das primeiras letras, por inteligentes mulheres que teceram seu hino ao amor, denunciaram a guerra e contestaram as agressões sociais de seu tempo.

A poetisa Delfina Benigna da Cunha, cega, além de chorar a sua desdita, escrevia motes que animavam saraus familiares. Sua amiga Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, em 1833 abriu o semanário *Belona irada contra os sectários de Momo*, em que a guerreira, ela própria, atirou sua ira aos agitados políticos que armavam a guerra civil da província.

Uma geração mais novas, nascidas na primeira década do século XIX, havia Nísia Floresta e Ana Euridice de Barandas, a estruturarem amizade e convergências literário-filosóficas por uma série de pontos afins.

Ambas filhas de mãe viúva e de pai português, culto (advogado um e cirurgião outro), infância descontraída na liberdade do sítio natal depois arrasado por efeito de guerra civil, casaram com advogado e na década de 1830 residiram provavelmente na mesma rua no centro de Porto Alegre.

A elite social que integraram, culta, divertia-se em elegantes saraus familiares, como permite deduzir a douda biblioteca, a mesa de jogos e a centena de copos (de água, de vinho e de cerveja) constantes do inventário do juiz cunhado de Nísia. As amizades entrelaçavam-se a partir de José de Freitas Travassos, pessoa de projeção, que mantinha em sua casa um oratório onde em 1822 casou Ana Euridice e pouco mais tarde o cunhado de Nísia, este com a filha de Travassos.

Em 1833 Níxia trouxe à sociedade meridional impregnada de elementos patriarcais sua tradução repleta de feminismo:

"Eles (os homens) bem conhecem a injustiça que nos fazem: e este conhecimento os reduz ao recurso de disfarçar a má fé à custa de sua própria razão. Porém, deixemos falar uma vez a verdade: por que se interessam tanto em nos separar das ciências a que temos tanto direito como eles, senão pelo temor de que partilhemos com eles, ou mesmo os excedamos na administração dos cargos públicos, que quase sempre são vergonhosamente desempenhados?" (Floresta, 1989, 52).

Ana Eurídice leu e releu, e assimilou conteúdos à medida que a infidelidade de José Joaquim Pena Penalta a colocou em constrangedora situação servil. Corajosa, enfrentou preconceitos e conquistou independência de ação através do *divórcio* sem direito a novo casamento, aprendendo a administrar escravos e bens de raiz para manter as filhas, que ela alfabetizou, juntamente com as sobrinhas.

Sua obra *O Ramalhete* reúne vários gêneros literários desde a poesia que canta o amor da adolescente e lamenta a traição à mulher, à crônica de protesto à guerra civil. Prega a necessidade de responder aos novos desafios gerados de modo integral, usando, à semelhança do homem, os atributos que a ambos deu o Criador:

"Tendo nós os mesmos atributos, os mesmos sentidos (sim, não podeis negar-nos o tato, olfato, vista, etc), e igualmente uma alma espiritual, uma voz, por que autoridade haveis de pensar, amar, aborrecer, desejar, temer e seguir a vossa vontade como bem vos parece, e não haveis de querer que nós outras façamos uso desse admirável presente que recebemos das mãos do Criador?" (Barandas, 109-110).

Enquanto Níxia revisa seu extremismo feminista para assegurar alunato que garanta o sustento dos filhos, Ana Eurídice enuncia pleno feminismo. Na crônica *Diálogos* prega a necessidade da mulher desenvolver capacidades latentes, assumindo inclusive postura política se necessário, em defesa de direitos de vida e cidadania ameaçadas.

A literatura dessas duas corajosas mulheres, somada à poesia sentimental da cega e às farpas da jornalista aos revolucionários, constitui valioso documento para o estudo da formação da sociedade rio-grandense, em especial o conturbado período da guerra civil que abalou valores estruturados e desafiou a mulher a aguilizar capacidades na defesa de vida e propriedade. Ao desafio correspondeu o ensaio formativo de um partido político feminino em Porto Alegre no decorrer da Revolução.

Cabe menção, entre outras, à novela nísiana *Fary*, e às crônicas *Diálogos* e *Uma lembrança saudosa*, em que Ana Eurídice denuncia o autoritarismo e a guerra que destruiu Belmonte, seu sítio natal.

A ação conjugada dessas quatro escritoras pioneiras desempenhou verdadeiro papel civilizador, ao optarem entre o sentimento e a razão, usando suas faculdades intelectuais e manejando as letras, em oposição à obsessão masculina de, grotescamente, querer implantar idéias de liberdade e humanidade pelo emprego das armas.

BIBLIOGRAFIA

- Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre, Freguesia N. Sra. Madre de Deus. Livros de Casamento nº 3, de Nascimento nº 7 e 8, e de Óbitos nº 8.
- Arquivo Público RS. Inventário de Manoel Antonio Rocha Faria, 1836, F 1229, M 38, II 316v.
- BARANDAS, Ana Eurídice Eufrosina de. *O Ramalhete*. 2ª ed. com estudo bio-bibliográfico de Hilda Agnes Hülfner Flores. Porto Alegre: Nova Dimensão e EDIPUC, 1989.
- CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *O Mancebo Câmara*. Porto Alegre: Globo, 1964. Vol. I.
- CASTRUCCIANO, Henrique et alii. *Uma figura lendária do Nordeste: Níxia Floresta*, in "Livro do Nordeste". Recife: Diário de Pernambuco, 1925.
- DUARTE, Constância Lima. *Níxia Floresta: vida e obra*. Tese de doutorado. S. Paulo, USP, 1991.
- GAY, Peter. *A experiência burguesa, da Rainha Vitória a Freud*. S. Paulo: Companhia de Letras, 1990. 2 vol.
- FLORES, Hilda Agnes Hülfner. *Sociedade, precariedade e conquista*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1988.
- FLORES, Moacyr. *A história social e econômica do período Farnasópolis*. Tese de doutorado, Porto Alegre: PUC, 1992.

FLORESTA, Níxia. *Direitos das Mulheres e injustiça dos homens*. 4ª ed. Introd. e Notas de Constância Lima Duarte. S. Paulo: Cortez, 1989.

_____. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. 2ª ed. Trad. de Francisco das Chagas Pereira. Natal: Universitária,

1982.

_____. *A Ladriça de um Castel*. Rio de Janeiro: Menezes, 1849.

_____. *Opúsculo humanitário*. 2ª ed. Introd. e Notas de Peggy Sharpe-Vidalares. S. Paulo, Cortez, 1988.

_____. *Pensamentos e Músicas*. Poesia, 1802. In Câmara, op. cit.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Guia Histórico de Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1988.

MARIZ, Zélia Maria Bezerra. *Níxia Floresta Brasileira Augusta*. Natal, UFRN, 1982.

OSÓRIO, Fernando. *Mulheres Farnasópolis*. Porto Alegre: Globo, 1935.

RENAULT, Delso. *O Rio Antigo nos anúncios dos jornais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1964.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Trad. Alceólido Mesquita da Costa. Porto Alegre: Martins, 1987.

SEIDL, Roberto. *Níxia Floresta-1818/1883*. Rio de Jan.: 1933.